

12. Catarina Naia

Universidade da Beira Interior

Curso Medicina (4.º ano)

Livro: Por quem os sinos dobram, Ernest Hemingway; As cidades invisíveis, Ítalo Calvino

Viagem entre dois livros: reflexão sobre a guerra em que todos vivemos

“Nas pessoas que gostam de matar, há sempre alguma coisa de podre”, pensava Anselmo, repetidamente na sua cabeça. Era o que dizia a si mesmo todos os dias, sempre que se sentia só e perdido. Sempre que duvidava de quem era.

“A guerra faz isto a uma pessoa” – pensava ele. “Há dias que não sei quem sou, nem porque sobrevivi até agora. Outros dias em que fico feliz por não ter mulher nem filhos. A guerra faz-me desejar ser a única pessoa neste país, para mais ninguém ter de passar pela miséria que vivo. Nunca poderia imaginar tal coisa, nunca conseguiria prever esta realidade. Um dia ainda hei-de acordar, para ver que tudo isto foi só um sonho mau, um grande pesadelo.

O único consolo que tinha, era saber no seu íntimo, que por mais que o mundo se encarregasse de lhe mostrar a maldade e a corrupção humana, em si existia algo de bom que ardia como a chama de uma vela trémula. Sabia que permaneceria fiel aos seus, e que por mais que tentassem corrompe-lo, haveria sempre pureza em si.

Enquanto Anselmo pensava, no outro lado do mundo, estava Laurinda, uma mulher com alma de cidade, por conter em si a essência de todos os que por si passavam e todos os que ainda haveriam de passar: a alegria e a tristeza, a beleza e o que de pior existe no mundo. Laurinda continha em si, os vivos, os mortos, e os não nascidos, da mesma forma e para si, todos eram iguais.

Os amigos chamavam-lhe bruxa, desde o momento em que se aperceberam que a menina falava com quem já não estava presente. Na aldeia em que morava, dizia-se que a criança via espíritos, e os mais velhos pensavam, intrigados, que Irene só podia estar possuída por um desses demónios que todos temiam. Mas ela sabia, e tinha a certeza, que cada pessoa que conhecia, de uma maneira ou de outra, lhe enchia o coração. Cada um que cruzava o seu caminho tinha um

propósito e algo para ensinar. Via os vivos e os mortos da mesma forma, e foi isso que a manteve viva quando a guerra chegou à sua aldeia. A vida arrancou a Laurinda quase todos os que ela conhecia, mas a sua solidão estava estranhamente preenchida. Na tristeza avassaladora que sentia, encontrava alívio a reviver as suas memórias e a trazer consigo quem já não era visível aos seus olhos, mas que persistia no seu coração.

E foi assim que viveu, sozinha, mas acompanhada, até ao fim dos seus dias.

Se Laurinda era a imensidão e a capacidade de ver o todo, uma outra mulher, de seu nome Otávia, era feita do vazio e da ausência. Era triste e sombria, como uma ilha vazia. Sentia-se suspensa na sua própria vida, prestes a cair a qualquer momento. A sua vida era frágil, confusa e emaranhada, como uma teia de aranha. Otávia vivera num país em guerra toda a sua vida, e sabia bem que o mundo era um sítio perverso. Como se estivesse construído ao contrário. Aprendera bem cedo que a espécie humana era má e que, no momento da verdade, as pessoas não se importavam com ninguém além de si próprias, e que preferiam salvar-se a si do que ajudar quem estava mesmo ao seu lado. Sentia que viver num país em guerra era andar de mãos dadas com a morte, e morrer mais um pouco todos os dias. Por isso, vivia suspensa, num limbo entre sobreviver e não existir, presa a uma rede que crescia ao contrário e que se poderia romper a qualquer momento, levando consigo toda a sua esperança e a sua própria vida.

Laurinda não conhece Otávia, nem Anselmo. São perfeitos desconhecidos e provavelmente os seus caminhos nunca se irão cruzar. Porém, as suas vidas são mais semelhantes do que alguém poderia imaginar. Há em cada um deles um elo comum: a vivência da guerra. E como eles, muitos se arrastam a cada dia com o peso enorme de uma tragédia nos ombros. E todos os dias, tantos outros não sobrevivem, e vêm a sua vida ser colhida precocemente, às mãos vis dos elementos da sua própria espécie. A guerra separa-nos, põe-nos uns contra os outros. É por isto que digo que a guerra é o evento que menos me faz sentido e que menos compreendo. Conservo em mim a inocência de sentir que o bem-estar dos outros é o meu próprio, e de não desejar a ninguém, nada que não desejaria a mim também. Por tanto, é para mim inconcebível, que alguém decida a guerra e imponha a morte aos seus semelhantes.

A grande questão que me faço é: não viveremos todos com o peso da guerra nos ombros? Até que ponto somos seres individuais, e não uma entidade coletiva? Parece-me que a humanidade pode ser vista como um todo, como se os sete bilhões de pessoas fossem apenas uma só. E assim sendo, cada pessoa que sofre, faz parte de mim e de todos, e vive em mim e em todos, a sua angústia. Não somos ilhas isoladas, por mais que o tentemos ser e que nos fechemos na nossa bolha, tentando ignorar o que se passa à nossa volta. Somos um só, e portanto, e utilizando a frase de John Donne: “não me perguntem por quem os sinos doam, eles doam por ti”. E por mim, por todos nós.